

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## Corporeidades e Metodologia de Pesquisa Geográfica: Reflexões e Práxis Feministas

*Corporeidades y Metodología de Investigación  
Geográfica: Reflexiones y Praxis Feministas*

*Corporealities and Geographic Research  
Methodology: Feminist Reflections and Praxis*

**Mateus Fachin Pedroso**

Universidade Federal da Grande Dourados - Brasil  
mateus\_fachin@hotmail.com

Como citar este artigo:

PEDROSO, Mateus Fachin. Corporeidades e Metodologia de Pesquisa Geográfica: Reflexões e Práxis Feministas. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 152 - 166, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# Corporeidades e Metodologia de Pesquisa Geográfica: Reflexões e Práxis Feministas

*Corporeidades y Metodología de Investigación Geográfica: Reflexiones y Praxis Feministas*

*Corporealities and Geographic Research Methodology: Feminist Reflections and Praxis*

## Resumo

O objetivo geral deste texto foi evidenciar as múltiplas relações que se estabelecem mediante as corporeidades no exercício metodológico de pesquisa, junto às Geografias Feministas. Para isso, foi tomado como materialidade a interlocução entre as corporeidades do pesquisador e de mulheres que vivem com HIV/AIDS, em Presidente Prudente/SP, que foram registradas em diário de campo. As experiências empíricas produzidas salientaram, qualitativamente, o quanto necessário é ponderar as realidades corpóreas em trânsito, estabelecendo assim reflexões que partiam das necessidades reais em movimento, melhor dizendo, daquilo que estava sendo vivido conjuntamente a partir do encontro. Logo, fez-se evidente a necessidade de repensar as potencialidades e limites das metodologias de pesquisa, sendo assim responsabilidade das(os) pesquisadoras(es) fomentar criticamente, enquanto compromisso e práxis, a construção de uma Geografia corporificada e feminista que garanta a audibilidade de múltiplas vozes que são socialmente silenciadas e oprimidas.

Palavras-Chave: Corpo; Geografias feministas; Metodologias de pesquisa.

## Resumen

El objetivo general de este texto fue destacar las múltiples relaciones que se establecen a través de las corporalidades en el ejercicio metodológico de la investigación por medio de las Geografías Feministas. Para ello, se tomó como materialidad la interlocución entre las corporalidades del investigador y de las mujeres que viven con VIH/Sida en Presidente Prudente, en el estado brasileño de São Paulo, registrándolas en un diario de campo. Las experiencias empíricas producidas destacaron, cualitativamente, lo necesario que es sopesar las realidades corpóreas en tránsito, estableciendo así reflexiones que partieran de las necesidades reales en movimiento, es decir, de lo que se estaba viviendo conjuntamente como resultado del encuentro. Por lo tanto, se hizo evidente la necesidad de repensar las potencialidades y límites de las metodologías de investigación, siendo responsabilidad de las investigadoras fomentar críticamente, como compromiso y praxis, la construcción de una Geografía encarnada y feminista que garantice la audibilidad de múltiples voces socialmente silenciadas y oprimidas.

Palabras-Clave: Cuerpo; Geografías feministas; Metodologías de investigación.

## Abstract

The general aim of this text was to highlight the multiple relationships that are established through corporealities in the methodological exercise of research through Feminist Geographies. To this end, the interlocution between the corporealities of the researcher and those of women diagnosed with HIV/AIDS in Presidente Prudente/SP was recorded in a Field Diary and taken as materiality. The empirical experiences produced highlighted, qualitatively, how necessary it is to weigh up body realities in transit, thus establishing reflections that started from the real needs in motion, in other words, from what was being experienced

Mateus Fachin Pedroso

153

together as a result of the encounter. Therefore, the need to rethink the potential and limits of research methodologies became evident, and it is the responsibility of the researchers to critically foster, as a commitment and praxis, the construction of an embodied and feminist Geography that guarantees the audibility of multiple voices that are socially silenced and oppressed.

Keywords: Body; Feminist Geographies; Research methodologies.

### Introdução

É fato que, cotidianamente, tem sido registradas situações cada vez mais complexas, imersas em tramas produzidas por agentes e estruturas de ordens e tempos distintos, o que tem gerado fenômenos espaciais altamente mutáveis e de difícil apreensão (Silva, 1982; 1996; Lévy, 2010; Martins, 2020). No âmbito da Geografia brasileira, não de agora, se há enfrentado grandes desafios epistemológicos e metodológicos no exercício da pesquisa, mormente, quando pautados os sujeitos enquanto elemento de tal composicionalidade (Pedroso, 2019; Ramos; Milani, 2022).

Essa conjuntura tem requerido uma constante reflexão acerca dos raciocínios e concepções atinentes à Geografia, isso porque se fazem cada vez mais evidentes as limitações das bases teóricas tradicionalistas que, ora tem enfrentado dificuldades, ora se furtam de problematizar as realidades interseccionais dos sujeitos em movimento (Oliveira; Arruzzo, 2023).

Tais tensionamentos advêm das necessidades apresentadas pelos indivíduos e seus modos espaciais de existência, ou seja, das distintas dimensões que compõem a vida das pessoas, como, por exemplo, a cultura, os corpos, as interseccionalidades (gênero, sexualidade, racialidades), a saúde, o trabalho, etc. (Souza; Ratts, 2009; Silva, 2013; Guimarães, et al., 2023). Isso tem proporcionado uma crescente no número de geógrafas(os) compromissadas(os) com a construção de uma Geografia corporificada, representativa e de caráter contra-hegemônico, capaz de oferecer outros raciocínios teóricos e metodológicos (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2023).

Indubitavelmente, esse é um caminho bastante arriscado e oneroso, todavia, configura uma ação necessária, já que prioriza a centralidade dos sujeitos e suas respectivas realidades durante o processo de construção teórica. Esse movimento reflexivo e crítico é indispensável para o exercício da pesquisa geográfica, sobretudo da Geografia corporificada, isso porque põe em interação os distintos elementos e agentes (sujeitos, espaços, tempos, [i]materialidades, estruturas e situações), a partir de uma política de afetamentos que alinhava as múltiplas relações de pesquisa (Pedroso, 2022).

À luz dessa discussão, organiza-se a preocupação em refletir sobre os processos metodológicos que envolvem os corpos dos sujeitos durante a construção de conhecimentos geográficos co-produzidos. Frente a isso, o objetivo geral do presente texto é evidenciar as múltiplas relações que se estabelecem mediante as corporeidades, no exercício metodológico de pesquisa através das Geografias Feministas. Para isso, será tomada como materialidade interpretativa a interlocução entre as corporeidades dos sujeitos registradas em diário de campo, especificamente, as realidades corpóreas de

mulheres que vivem com HIV/AIDS, em Presidente Prudente/SP, e do pesquisador responsável pela investigação em nível de doutorado.

Em termos organizativos, cabe ressaltar que o presente manuscrito segue estruturado de antemão pela Introdução, seguida de duas seções (Aproximações metodológicas: contextualizando os movimentos; Corporeidades em trânsito: encontros geográficos), que dialogam e aprofundam de forma interlocutiva as discussões propostas pelo objetivo central do artigo. Além dessas seções, o texto conta com Considerações finais, Agradecimentos e Referências.

### **Aproximações metodológicas: contextualizando os movimentos**

Antes mesmo de seguir, se faz necessário destacar que redigir este manuscrito se coloca como um grande desafio de caráter teórico-metodológico, mas não só, pois há a presença de expressivas questões políticas no que tange à garantia da pluralidade geográfica (Gomes, 2009). Essa demarcação se faz indispensável, pois concebo<sup>1</sup> a produção do conhecimento de forma situacional e corporificada (Haraway, 1995; Valentine, 2007), o que evidencia trocas mediadas por diferentes relações, ou seja, a partir de diferentes ordens que não se realizam de forma individual e simplista na relação espaço-tempo.

Esta política à qual me refiro alude aos discursos que se estabelecem majoritariamente de forma violenta sobre os sujeitos, os corpos, os espaço-tempos e poderes conjunturados para a edificação das regras; estas mesmas que “[...] se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou informadas por procedimentos científicos” (Foucault, 1979b, p. 04) ao longo da realização da pesquisa geográfica.

O estabelecimento dessas regras axiomáticas, que performam a política ou mesmo um tipo de “patrulha ideológica” (Guimarães, 2019), não está isento de interesses, tensões e poderes de distintos tipos, muito pelo contrário, possuem um lado; o hegemônico. Deste modo, essa configuração estratégica exige enquanto resposta o estabelecimento de outras relações, sobretudo, aquelas que são epistemologicamente feministas, portanto, capazes de contrapor a neutralidade científica, até então legitimada como regra incontestável (Silva, 2010; Silva; Ornat; Chimin Junior, 2017a).

Por partir desse pressuposto, faço questão de explicitar minha posicionalidade no exercício de pesquisa, dado o fato que sou pesquisador, homem, branco, cisgênero, ativista, homossexual e soronegativo, que estudou, conjuntamente, um grupo de mulheres, heterossexuais, mães, autodeclaradas pardas e vivendo com HIV/AIDS. A evidenciação dessas dimensões resulta de um processo que fora construído junto às mulheres participantes da pesquisa, mediante uma realção de troca gradativa e mútua que possibilitou tais acessos. Ao assumir essa postura, mantenho-me próximo à realidade e faço jus à

---

1 Evidencio que haverá emprego da primeira pessoa na redação, pois creio que “a despersonalização do discurso provoca um distanciamento do autor e deixa na penumbra seu próprio compromisso com o resultado. O texto, hoje, prevê uma interlocução autor-leitor; o autor cobra um envolvimento direto do leitor com o seu pensamento, o seu raciocínio. O leitor é trazido para dentro do texto, é partícipe desse texto” (Oliveira, 2014, p. 10).

possibilidade de as(os) leitoras(es) compreenderem não somente os resultados apresentados, mas também os caminhos, as escolhas, as dificuldades, os erros e os acertos desempenhados no processo de pesquisa (Pedroso, 2019; 2022).

Destacados tais posicionamentos, faz-se primordial uma breve caracterização do grupo constituído antes mesmo da minha chegada, visto que o coletivo de mulheres formado na antiga Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)<sup>2</sup>, atual Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV), teve origem no ano de 2015, especificamente, no mês de março. O grupo se desenvolveu a partir da metodologia Plug and Play, que operacionaliza “um trabalho socioeducativo com pessoas e famílias envolvidas por alguma ou múltiplas vulnerabilidades e/ou riscos sociais” (Romera, 2012, p. 09). No presente caso, trata-se de um grupo de mulheres que vivem com HIV/AIDS, característica inicial que serviu como “porta de entrada” para elucidar as questões atinentes ao autodesenvolvimento social dessas mulheres.

Cabe destacar que minha aproximação se deu através da APPA, em momentos anteriores, especificamente, quando realizei minha pesquisa de Iniciação Científica, também em parceria com a instituição (Pedroso, 2017). Esse estabelecimento de vínculos foi importante, dado que o intermédio para localização e posterior interação com as mulheres participantes foi facilitada por essa via.

Inicialmente, o projeto foi submetido à coordenação da instituição, que concordou em estabelecer a parceria se as possíveis integrantes aceitassem contribuir com a pesquisa. Deste modo, foram acionadas a assistente social e a psicóloga, ambas responsáveis pela gestão do grupo para que a pesquisa fosse apresentada, tendo como intento a elucidação dos objetivos e intenções que seriam repassados às mulheres, com finalidade de avaliação e estabelecimento de possíveis condições enquanto limiares.

Dessa forma, minha presença nesse grupo de mulheres foi previamente consultada, negociada e posteriormente aceita. Esse processo se assemelha com o que recomendam Foote-Whyte (1980) e Cicourel (1980), visto que tais autores salientam que a aceitação não depende estritamente das explicações que o pesquisador oferece, mas sim de como estabelece as relações, como lida com as características do grupo estudado e mesmo como reúne as informações, já que existem múltiplos modos de aproximação.

Acerca da interação direta com o grupo de mulheres, é necessário relatar que o tempo de convivência durou sete meses, período em que houve a interlocução metodológica entre observação participante (Spradley, 1980; May, 2003) e história de vida (Meihy, 2002; Gamalho, 2016), ambas dedicadas à produção dos dados qualitativos. É igualmente importante salientar que o percurso investigativo foi completamente registrado no diário de campo que, neste caso, serviu enquanto instrumento dedicado à sistematização dos resultados do processo de pesquisa científica, ou seja, a apreensão de todos os tipos de acontecimentos que “[...] são frutos de relações entre pessoas,

---

2 A respeito dessa associação, cabe informar que, no ano de 2021, houve um processo de readequação estatutário que possibilitou a reformulação dos focos e nome da entidade. Atualmente, a instituição em questão se encontra denominada como "Associação Prudentina de Incentivo à Vida" (APIV), nomenclatura esta que não foi adotada para o presente texto, visto que as atividades de pesquisa antecederam tal processo.

instrumentos e emoções corporificadas” (Przybysz; Silva, 2019, p. 52).

Neste sentido, mantive-me atento aos elementos que atravessavam as questões corpóreas dos sujeitos em relação, fossem elas biológicas, econômicas, sociais e/ou culturais, pois essas construções emergiram dos corpos e, portanto, eram situadas espacialmente na realidade produzida e vivida pelos sujeitos em voga (Silva, 2013; Alves; Pedroso; Guimarães, 2019).

Para a operacionalização dessas ações, foram imprescindíveis as contribuições das Geografias Feministas enquanto direcionamentos metodológicos para a construção da pesquisa<sup>3</sup> (McDowell, 1992). Isso se deve ao fato de que essas geografias propõem transformações criativas e metodologicamente comprometidas com “(1) a força da epistemologia; (2) as fronteiras e limites; (3) as relações; e (4) as múltiplas dimensões da localização do pesquisador e suas interações no processo de pesquisa” (Silva; Ornat, Chimin Júnior, 2017a, p. 14). Indubitavelmente, essas foram prerrogativas que segui com afinco.

Deste modo, foi por meio das considerações das Geografias Feministas que pude realizar alguns questionamentos sobre as condições corpóreas durante as ações de campo – principalmente a minha, que estava lá em nome da universidade pública – influenciando assim nas observações participantes, nos relatos construídos, nas impressões e nos registros. A menção desses aspectos é preponderante para a compreensão dos processos que envolveram a sólida construção da pesquisa, a evidenciação das corporeidades em relação, bem como as mudanças e ressignificações teórico-metodológicas empenhadas (Pedroso; Guimarães, 2019).

Evidencio que a presente reflexão estará sustentada pelas anotações realizadas no diário de campo, especificamente, o primeiro encontro, uma vez que este sustenta, como sólido exemplo, a potencialidade do uso do diário de campo sob a égide das Geografias Feministas, enquanto recurso metodológico de pesquisa geográfica. A partir desse pressuposto, cabe considerar que o primeiro encontro configura um marco disruptivo no que tange à realidade das mulheres em interação com a corporeidade do pesquisador, como evidencia a seção seguinte.

### Corporeidades em trânsito: encontros geográficos

O diário de campo, enquanto metodologia, proporciona o registro de diferentes tipos de situações, elementos e vivências que são co-produzidas a partir da interação dos sujeitos envolvidos (Magnani, 1997; Przybysz; Silva, 2019). Isso, conseqüentemente, implica ponderar a materialização dos encontros dos sujeitos e suas corporeidades, uma vez que estas são explicitadas por meio da confluência das estórias e da coexistência das diferenças que tornam tais relações únicas.

Considero o encontro como um importante acontecimento, que marca, refaz

---

3 “Para uma pesquisa feminista é fundamental que o/a pesquisador/a se coloque como ativo/a na produção do conhecimento e reflita como sua própria posição sociopolítica de privilégios estabeleceu as dinâmicas específicas com os outros participantes da pesquisa, resultando no saber que se fez coletivamente. Como a pesquisa feminista considera que o conhecimento é sempre situado, a reflexibilidade é uma prática indispensável” (Silva; Ornat; Chimin Júnior, 2017b, p. 21).

e reinventa o cotidiano (Egler, 2000). Em outras palavras, é o encontro que proporciona a possibilidade de afetamento, de trocas que podem se dar pela tensão ou complementaridade daquilo que cada qual é, acredita, concebe e simbolicamente carrega consigo. Neste sentido, Mejía (2015) advoga que o encontro se relaciona com a corporeidade, visto que ele é entendido enquanto

uma mescla, o efeito de um corpo sobre o outro. Meu corpo não deixa de encontrar os corpos. Os corpos que encontra têm ora relações que se compõem (mesclas boas), ora relações que se decompõem (mesclas nocivas). Na medida em que temos ideias-afecções, vivemos ao acaso dos encontros (Mejía, 2015, p. 92-93).

As colocações de Mejía (2015) contribuem com a elucidação do processo que pude vivenciar junto às mulheres, sobretudo no momento em que passamos a interagir de forma direta a partir do encontro estabelecido pelas diferentes realidades. A materialização dessa confluência permitiu estabelecer reflexões que partiam das necessidades reais em movimento, melhor dizendo, daquilo que estava sendo vivido conjuntamente e passou a ser socializado mediante o acontecimento do nosso encontro. Esse movimento se dá por meio da evidenciação registrada no diário de campo (03 de maio de 2018), altamente representativo no que tange às questões metodológicas, como apresenta o relato do primeiro encontro a seguir.

*\*\*Hoje, me encontro ansioso, principalmente, pelo fato de as mulheres terem aceito participar da pesquisa. Isso me fez pensar: quem seriam essas mulheres? Quais seriam suas aparências? Seus traços e histórias?*

*Após tanto pensar, percebi que havia chego a hora, então dirigi-me até a APPA para o encontro previamente combinado. Ao chegar fui recebido pela 'J' (Psicóloga), que já me aguardava para a apresentação ao grupo. Nesse momento meu "coração estava na boca", pois não sabia o que iriam pensar de mim, quais seriam suas primeiras impressões. Rapidamente nos cumprimentamos e durante estes instantes nos dirigimos até o pátio, onde as mulheres se encontravam sentadas à mesa. Houve uma rápida troca de olhares em minha direção e, então, percebi que já havia uma conversa em curso. Assim, fui apresentado e antes mesmo que alguma coisa fosse dita por mim, que qualquer discurso fosse feito, surge a indagação em tom de empolgação e desconfiança: "Esse é o moço que quer nos acompanhar?".*

*Neste momento, acenei positivamente com a cabeça apresentando um sorriso tenso, foi o único movimento que consegui expressar já que estava petrificado. Consequentemente, recebi sorrisos desconfiados como resposta. Então, sentei-me próximo ao grupo e aguardei para que fossemos todos chamados para o início das atividades.*

*Logo em seguida, fomos direcionados para o local onde os encontros ocorrem e, novamente fiquei tenso (risos). Caminhamos até a sala, entramos, e então me deparei com um ambiente muito alegre e*

*decorado, com paredes ilustradas por desenhos de cores vivas. De fato, um espaço aconchegante. Ainda no sentido de disposição do ambiente, a sala tinha uma grande mesa retangular ao centro, rodeada de cadeiras, nas quais todas se acomodaram. Eis que neste momento me surgiu uma dúvida: Será que me sento à mesa com elas? Onde posso melhor me arranjar?*

*E, uma vez mais a resposta não partiu de mim, vi que um lugar havia sido reservado. Sentei-me ao centro da mesa, uma posição em que era possível contato visual com todas as participantes de modo que eu também era facilmente observado. Isso fez com que me sentisse “abraçado” pelos olhares de cada uma. A experiência de me sentar à mesa junto a elas foi uma constante, foi crescente, cada vez maior ao decorrer dos minutos que se passaram nesses momentos iniciais marcados pelo silêncio. Tomados os lugares, iniciou-se conversas sobre o final de semana que se passou, sobre o cotidiano e rotinas que mencionavam diferentes esferas, como trabalho, passeio, família, igreja, etc., todas estas por mim desconhecidas.*

*Após esta breve conversa foram iniciadas oficialmente as atividades e, conseqüentemente, fui convidado a me apresentar e falar sobre minhas iniciativas e intenções com o projeto. Neste momento, tive a preocupação em expor primeiramente quem sou, de onde vim e os diferentes porquês da proposta, de modo que tentei ao máximo realizar uma fala objetiva, acessível e compassada, sobretudo no que se refere aos motivos de estar junto ao grupo. Feito isso, vale ressaltar que fui muito bem recebido considerando os olhares, expressões, acenos e gestos que proporcionavam esses entendimentos. Ao fim da minha breve apresentação houve até mesmo aplausos, o que me deixou totalmente desconcertado. Sentia meu rosto quente e, possivelmente, vermelho de vergonha.*

*Dado este primeiro grande passo, ‘A’ (Assistente Social) e ‘L’ (Psicóloga) retomaram a palavra em sentido complementar à minha fala e, posteriormente, se dirigiram para as ações programadas. Contudo, mesmo antes do início das atividades, os acontecimentos fizeram-se maiores e mais importantes. Então, foi iniciada uma conversa sobre alguns eventos que estão acontecendo na cidade, como a estadia do circo, por exemplo.*

*O estabelecimento desse diálogo enquanto uma necessidade me chamou a atenção, pois, se trata de uma característica bastante presente no grupo, a de privilegiar as vozes dessas mulheres para que elas compartilhem seus cotidianos, suas dores e conquistas presentes no acontecer da vida. Posteriormente, entendi que essas ações fazem parte da construção do autodesenvolvimento delas enquanto sujeitos individuais e coletivos, como me explicou ‘L’ (psicóloga) ao falar brevemente sobre a proposta do grupo.*

*Como todo diálogo, os assuntos foram sendo tecidos e cambiados por elas, de modo que me mantive atento enquanto ouvinte, como prerroga os momentos iniciais da Observação Participante. Nesta infinidade de acontecimentos duas participantes manifestaram a*



*informação de que seus ex-maridos estavam detidos.*

*Uma delas compartilhou com o grupo sua surpresa ao saber que o ex-marido estava preso há 1 ano, já que não se viam há 3 anos. Ao adentrar este assunto, a referida mulher rememorou a conturbada convivência com o ex-parceiro, e foi nos interstícios de suas falas que nos relatou o acontecimento da violência doméstica experienciada por ela e pelo filho. Disse-nos que ainda hoje carrega marcas em seu corpo; sinais estes que ela se sentiu envergonhada ao falar, e que só não dizia onde eram tais marcas por conta da minha presença. Neste momento, pude perceber o quão violenta e silenciosa é a “hierarquia” dos corpos, dado o fato que a minha figura masculina remetia as vivências com o ex-companheiro e as decorrentes lembranças dolorosas.*

*Rapidamente me posicionei e disse: “Fique à vontade, esse é um espaço seguro e estamos aqui uns pelos outros” ao tempo que fui endossado pela Assistente Social e Psicóloga. Mesmo encabulada e relutante a mulher nos relatou ter sofrido mutilação na genitália em atos cruéis de violência do parceiro e, ao dizer-nos isso seus olhos estavam cheios de lágrimas e foram direcionados para o chão. Me senti despedaçado por dentro!*

*Este momento me ajudou a entender o poder que meu corpo (masculino, branco, jovem, cisgênero, homossexual), ainda que de forma não intencional, exercia situado em meio a essas mulheres. Foi perceptível um primeiro tensionamento que não fora dito, apenas sentido. Após este momento de partilha e emoção, a conversa tomou rumo de descontração, então notei a sororidade entre elas, o apoio mútuo e a importância de estarem ali em grupo. Confesso que meus olhos marejaram, me senti emocionado frente a esse episódio já no primeiro dia.*

*Com todos esses acontecimentos, a atividade programada não foi desenvolvida e as horas se passaram rapidamente. E, quando percebi já estávamos ao fim do encontro, dada a oferta do lanche; momento este que caracteriza a atmosfera de confraternização do grupo, já que é nessa relação que se expressa de forma verbalizada a reciprocidade e carinho entre elas. Assim sendo, me despedi de todas sob olhares receptivos, porém cautelosos, que se demonstravam ansiosos para o próximo encontro, interessados por interações e aproximações com mais profundidade\*\*<sup>4</sup> (Diário de campo, 03 de maio de 2018, grifos do autor).*

À vista do exposto, compreendo que o diário de campo evidencia os acontecimentos e transformações que são intrínsecos ao fazer pesquisa, sobretudo, quando se considera tais ações sob a perspectiva feminista. Frente a isso, no decorrer do registro, ressaltai 3 momentos (destaques grifados), que apresentam nuances referentes à processualidade e à interação das

4 O emprego de asteriscos (\*\*) demarca o trecho do diário de campo da pesquisa que foi incorporado ao texto com a intenção evidenciar a pulsão da realidade vivida em conjunto com as mulheres.

corporeidades dos sujeitos envolvidos, pois, nesse caso, são os corpos em interação que constituem o campo da pesquisa, que proporcionam a materialidade e a significação a partir daquilo que é percebido em relação (Przybysz; Silva, 2019).

O primeiro momento registra o contato inicial, as concepções que foram elaboradas previamente por cada qual sobre “o outro”. Tratou-se muito mais das impressões visíveis, ou seja, da observação curiosa sobre quem são essas pessoas, como são, como se vestem, o que fazem e como se comportam em relação à alteridade. Cabe destacar que esse momento inicial foi marcado, sobretudo, pela efemeridade e ausência de comunicação verbal em que as corporeidades interagiram quase que exclusivamente pelas representações e significações dos olhares e silêncios.

O segundo momento versa sobre a materialização de ações que foram importantes para a realização da pesquisa, tanto no caráter interativo quanto no que tange às características metodológico-operacionais. A respeito dos aspectos interativos, a enunciação das intenções de pesquisa contribuiu de modo agregativo para a superação da impressão inicial, uma vez que as mulheres passaram a compreender com mais profundidade os motivos da minha presença. Sobre o quesito metodológico-operacional, vale considerar que essa ação se configurou como um exercício necessário, pois proporcionou implementar, ainda que inicialmente, o estabelecimento dialógico de vínculos.

No terceiro momento destacado, pude, composicionalmente, presenciar a crescente interação entre as corporeidades a ponto de serem evidenciadas pela enunciação de uma das participantes, como destacado nos últimos dois trechos. Esse processo foi bastante intenso e significativo, dada a disruptividade deflagrada pela minha presença, pelo meu corpo masculino, branco, jovem, cisgênero e homossexual que acionava, via significação, episódios de dor e violência outrora experimentados por essa mulher.

Com isso, ficou evidenciado o trânsito do simbólico ao material que se manifestou, espacialmente, nos corpos, enquanto confluência de poderes exercidos, caracterizando-os como produtos dessa relação (Foucault, 1979a; Butler, 2018). Neste caso, é preciso salientar que o poder, enquanto veículo, não só reprime e oprime, mas também disciplina os sujeitos corporificados, de modo que se torna legítimo pela dimensão simbólica relacionalmente construída (Foucault, 1991; Louro, 2004; 2007), sendo esta a relação que explicita a hierarquização da diferença percebida entre os corpos (Bourdieu, 2001).

Essa conjuntura tomou as corporeidades em interação como base de estruturação e simbologia, mediante a importância das marcas que foram localizadas, melhor dizendo, situadas em determinada estrutura de poder (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019). A produção dessas experiências específicas acaba por possuir distintas condições de espaço-tempo que se interpelam, conflitam e também se complementam (Pedroso, 2024), dado que a violência, enquanto memória, emergiu a partir da mescla dessas relações mediatizadas pelo poder, que, por sua vez, alinhavou as corporeidades em tela através das interações e afetamentos.

Logo, a vivência junto às mulheres me possibilitou estabelecer conexões diretas com suas corporeidades e identidades que, de modo relacional,



interagiram com as minhas intersecções enquanto pesquisador e, portanto, produziram conjuntamente a realidade de pesquisa, sob uma perspectiva dialógica orientada pelo viés feminista. Estabelecer esse raciocínio e registrar os limiares presentes no diário de campo, durante a construção da pesquisa, configurou um salto qualitativo que salienta o quão necessário é ponderar as realidades corpóreas em trânsito, dado que tais interlocuções contribuem com o reconhecimento das potencialidades de pesquisas que lidam diretamente com a vida das pessoas.

### Considerações finais

É fato que o caso abordado no presente texto se colocou enquanto um grande desafio, que também exemplificou a reverberação de múltiplos tensionamentos no ato de produzir pesquisa feminista, o que redirecionou totalmente a proposta metodológica inicial. Além disso, há de se destacar que, a princípio, não houve a ponderação sobre o estar em campo (empiricamente), e tampouco que este mesmo implicaria “enfrentamentos” relacionados às condições corpóreas dos interlocutores.

Neste sentido, as experiências empíricas produzidas e o contato com as bibliografias feministas evidenciaram a necessidade de um (re)pensar sobre as potencialidades e limites das metodologias de pesquisa qualitativa, neste momento, testadas pelas corporeidades dos sujeitos em interação. Também foi possível refletir sobre as diferentes hierarquias e poderes presentes (mesmo que não ditos) na ação de campo, o que reforça a importância de haver extrema cautela com os limiares teóricos e metodológicos quem compõem a construção de nossos raciocínios geográficos.

Logo, fica ressaltada a importância do papel do pesquisador e das distintas estratégias de interação junto aos sujeitos partícipes da investigação, fazendo com que estes, no processo, estejam integrados ao movimento real da pesquisa, ao modo que tais ações primem pelo respeito e acurácia para com as narrativas, culturas e vivências das pessoas. À vista disso, reitero que esses processos não configuram fragilidades, pelo contrário, demonstram potência por estarem diretamente lastreadas na realidade vivida pelos sujeitos, sendo responsabilidade das(os) pesquisadoras(es) fomentar criticamente, enquanto compromisso de práxis, a construção de uma Geografia corporificada e feminista que garanta a audibilidade de múltiplas vozes que são socialmente silenciadas e oprimidas.

### Agradecimentos

Agradeço, em primeira instância, a todas as mulheres que contribuíram com a pesquisa através de suas participações, pois as interpretações que foram realizadas partiram de nossas interações e encontros.

Destaco agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio e fomento da pesquisa no período de 2018 a 2020 (processo 18/05706-2), e também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pelo financiamento no

período de 2020 a 2022 (processo 88887.513741/2020-00).

### Referências

ALVES, Natália Cristina; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 09-24, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 311 p.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Trad.: Fernanda Siqueira Miguens. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, 266 p.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. Trad.: Alba Zaluar Guimarães. *In*: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 01-44.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Interação social no espaço urbano: encontros ou confrontos? *In*: RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Repensando la experiencia urbana de América Latina**: cuestiones, conceptos y valores. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000, p. 205-220.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. *In*: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 3º ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1979a, p. 244.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979b, 295 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad.: Raquel Ramalhete. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991, 277 p.

GAMALHO, Nola Patricia. Narrativas do espaço nas histórias de vida: os desafios da metodologia qualitativa na Geografia. *In*: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Org.). **Abordagem e práticas da pesquisa em Geografias e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letras1, 2016, p. 35-48.

GOMES, Paulo César da Costa. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. *In*: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cícilian Luiza; SILVA, Márcia da (Org.). **Espaço e tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMADAN, 2009, p. 13-30.

GUIMARÃES, Raul Borges. Saúde Coletiva e o fazer geográfico. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 1, Dossiê “60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT”, p. 119-132, 2019.

GUIMARÃES, Raul Borges; PEDROSO, Mateus Fachin; SILVA, Kayque Virgens Cordeiro da. Contexto geográfico e corpo: outras possibilidades de des(construção) das normas de saúde e gênero. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides B. (Org.). **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, p. 434-455.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

LÉVY, Jacques. Actores, objetos, entornos: inventar el espacio para ler el mundo. In: LINDÓN, Alicia; HIERNAX, Daniel. **Los giros de la Geografía Humana**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana. Iztapalapa, 2010, p. 83-90.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: autêntica, 2007, 176 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 96 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Rev. Sexta-feira**, n. 1, p. 1-4, 1997.

MARTINS, Elvio Rodrigues. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. **Rev. GEOUSP, Espaço e Tempo**, n. v. 24, n. 1, p. 08-26, 2020.

MAY, Tim. Observação participante: perspectivas e prática. In: MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad.: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 173-203.

McDOWELL, Linda. Doing Gender: feminism, feminists and research methods in human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.17, n. 4, London, p. 399-416, 1992.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002, 248p.

MEJÍA, Rafael Estrada. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Org.). **Vida & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 90-110.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de; ARRUZZO, Roberta Carvalho. Geografar com

o corpo: percursos teóricos e metodológicos. *In*: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides B. (Org.). **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, p. 116-132.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em Ação**, v. 6, n. 1, p. 03-21, 2014.

PEDROSO, Mateus Fachin. **Contextos geográficos da AIDS e os espaços vividos por jovens com HIV em Presidente Prudente – SP**. 2017. 243 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente.

PEDROSO, Mateus Fachin. **Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP**. 2022. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP.

PEDROSO, Mateus Fachin. Situacionalidade e interpretações: quantas geografias cabem em uma vida? **Rev. Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 66-78, 2019.

PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARAES, Raul Borges. É preciso recuar para avançar: passos metodológicos do estudo geográfico sobre mulheres soropositivas HIV/AIDS. *In*: RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck; PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; FRIESTINO, Jane Kelly Oliveira (Org.). **Práticas complementares: alternativas em saúde**. 01ed. Blumenau - SC: Editora Instituto Federal Catarinense, 2019, v. 01, p. 29-38.

PEDROSO, Mateus Fachin. Uma geografia do que acontece: intersecções da vida de mulheres à luz do contexto geográfico. **Finisterra**, v. 59, n. 125, p. 41–54, 2024. DOI: 10.18055/Finis31298. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/31298>.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Pesquisar para transgredir: fazendo Geografias feministas corporificadas. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 51-62, 2019.

RAMOS, Élvis Christian Madureira; MILANI, Patrícia Helena. O corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. **Rev. GEOgraphia**, v. 24, n. 52, p. 01-18, 2022.

ROMERA, Valderes Maria. **Plug and Play: metodologia para o autodesenvolvimento social**. Material didático, 2012, 47 p.

SILVA, Armando Corrêa da. Contribuição à crítica da crise da Geografia. *In*: SANTOS, Milton. **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 13-24.

SILVA, Armando Corrêa da. **O pensamento crítico e a morte do sujeito**. São Paulo, 1996, p. 01-08, (mimeo).

SILVA, Joseli Maria. Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Org.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 28-36.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Rev. Espaço & Cultura**, n. 27, p. 39-55, 2010.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, Alides B. **Corpos e geografia**: expressões de espaços encarnados. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, 560p.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. ‘Não me chame de senhora, eu sou feminista’! posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. **Rev. GEOgraphia**, v. 19, n. 40, p. 11-20, 2017a.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). **Diálogos ibero-latino-americanos sobre Geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017b. p.11-30.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma Geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 63-77, 2019.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTTS, Alecsandro J. P. Espaço, cultura e poder: gênero e raça em análise na Geografia. **Rev. Ateliê Geográfico**, v. 3 n. 1, p. 97-110, 2009.

SPRADLEY, James P. **Participant observation**. Nex York. Holt, Rinehart e Winston, p. 195, 1980.

VALENTINE, Gill. Theorizing and researching intersectionality: A challenge for Feminist Geography. **Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007.

Recebido em 21 de outubro de 2023.

Aceito em 21 de março de 2024.

Mateus Fachin Pedroso

